



Estágios tecnológicos  
no CERN, ESA E ESO  
FCT  
adi  
agência de inovação  
CASOS DE SUCESSO

**30 de Abril de 2010 (9h00-15h00)**  
**Pavilhão do Conhecimento, Ciência Viva, Parque das Nações, Lisboa**

#### **NOTA DE ENCERRAMENTO**

**Lino Fernandes, Presidente da Agência de Inovação**

Como podemos tirar partido do que foi construído através do Programa de Estágios em Organizações Científicas e Tecnológicas Internacionais?

Já existe uma massa crítica significativa de pessoas que acabaram os estágios e que desempenham funções importantes, nomeadamente nas próprias organizações de acolhimento, em empresas, instituições académicas e centros de I&D.

O que ouvimos aqui é apenas uma “ponta do iceberg” de um know-how e capacidade tecnológica que resultou destes 13 anos de vida do Programa.

O desafio agora, para além de melhorar o programa, é ver como se tira mais partido daquilo que já foi construído.

Vários instrumentos foram articulados pela Adi no sentido de alargar as actividades de I&D empresarial.

Existiu uma estratégia. A Adi está no meio entre a FCT, as Universidades, as empresas, o MCTES e o Ministério da Economia. Fomos gerindo essa situação com instrumentos que foi possível conjugar ao longo dos anos, que passaram desde a I&D em Consórcio (desde o programa PRAXIS) que era uma forma de melhorar a articulação do tecido empresarial com o Ensino Superior. Teve um papel importante ao longo dos anos. Em 1995 houve um inquérito e havia 200 e poucas empresas que faziam actividades de I&D, segundo o Observatório. O último Inquérito identificou 2000. Isto já dá uma ideia da evolução, ou seja, multiplicámos por 10 o número de empresas com actividades de I&D. O programa de I&D em Consórcio teve um papel significativo no alargamento das actividades de I&D empresarial. Tivemos outro Programa de colocação de Doutores e Mestres nas Empresas que ajudou nesse processo na medida em que colocava recursos altamente qualificados nas empresas decisivos para uma actividade de I&D de qualidade e em articulação com as Universidades. Dinamizámos os Mestrados nas empresas e mais tarde estivemos na criação dos Doutoramentos nas Empresas.

O Programa dos Estágios foi criado a partir da percepção de que a indústria (nomeadamente a nova que era preciso construir) precisava de recursos humanos altamente qualificados e com actualização internacional em engenharia e que abrissem elos com essas fontes de tecnologia e mercados de referência.

Mais tarde apareceram outro tipo de programas, nomeadamente o apoio à criação de empresas de base tecnológica. Em 2 / 3 anos a Adi ajudou a criar mais de 100 empresas de base tecnológica, demonstrando o enorme potencial tecnológico que já existia e estava por valorizar.

A realidade mudou, existem outros problemas a outra escala. Existe uma massa crítica que permite repensar este tipo de programas.

Para tal, é importante o contributo de todos os protagonistas não apenas para a reformulação das medidas específicas mas também das políticas em geral.

Durante 30 anos o País apostou na melhoria das condições básicas da economia, recursos humanos, infra-estruturas, etc... É agora altura de os colocar a funcionar como recursos básicos da economia portuguesa e não como fenómenos laterais.

É o momento de se repensar se a economia portuguesa já tem outro tipo de saídas e a resposta para isso não vai ser na próxima geração, vai ter de ser nos próximos 3 ou quatro anos. Isto é, durante 30 anos apostámos na melhoria das condições básicas da economia, recursos humanos, infra-estruturas, etc... Esse tempo, na minha opinião pessoal, esgotou-se.

É este o desafio que aproveito para lançar.

Quero agradecer aos meus colegas de mesa e a todos o contributo para esta sessão que foi para mim muito interessante e estimulante.

Muito obrigado!